



## MAPEANDO O COTIDIANO DE PROFESSORAS EM FORMAÇÃO NA EAD

Juliana Brandão Machado<sup>1</sup>  
Marie Jane Soares Carvalho<sup>2</sup>

A Educação a Distância (EAD) tem sido uma modalidade de ensino em expansão atualmente. Na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), desde 2006 está em desenvolvimento o curso de Licenciatura em Pedagogia – modalidade EAD. Este curso é caracterizado pela formação de docentes que atuam no magistério e que não possuem formação em nível de graduação. A proposta, que compõe o quadro das políticas federais de expansão da qualificação docente, agrega também o elemento inovador das políticas do MEC: a formação e qualificação dos profissionais a distância. A modalidade EAD tem sido recorrente na expansão do ensino universitário, tanto em relação às instituições privadas quanto sua inserção nas instituições públicas tem se configurado nos últimos anos. Na UFRGS atualmente vigoram diferentes cursos de formação profissional, dentre eles os cursos de Licenciatura em Artes Visuais, Ciências Biológicas, Matemática, Música, Letras e Pedagogia.

Atuamos com o curso de Pedagogia (o primeiro a ser desenvolvido, estando atualmente em seu 8º semestre) que contempla uma população específica em sua formação: professores que atuam no magistério e não possuem formação em nível de graduação. Este curso tem como objetivo amplo vincular as experiências profissionais dos cursistas às questões teóricas em estudo, aproveitando a práxis das professoras para a meta-reflexão a ser desenvolvida.

Os estudos sobre os usos do tempo são realizados em diversos países e em diferentes modalidades. O orçamento de tempo de uma população permite avaliar tanto as mudanças subjetivas e culturais quanto as mudanças estruturais decorrentes dos modos de produção. Da forma como realizamos, os estudos de usos do tempo possibilitam mapear o cotidiano de um grupo social. Nesta pesquisa, selecionamos as professoras em formação no curso de Pedagogia EAD/UFRGS (PEAD/UFRGS) para analisar o uso discricionário do tempo. Desde já é importante destacar que, apesar de o grupo de cursistas possuir 8 estudantes do sexo masculino (do qual 6 participaram da pesquisa), utilizaremos a expressão “professoras”, no feminino para demarcar o forte componente

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação (UFRGS); Doutoranda em Educação (PPGEDU/UFRGS) na linha de pesquisa Educação a Distância. Professora da Rede Municipal de Porto Alegre/RS. *E-mail: juliana.machado@ufrgs.br*

<sup>2</sup> Doutora em Educação e Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). *E-mail: marie.jane@ufrgs.br*



de gênero que envolve o magistério da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

A análise aqui apresentada estabelecerá uma discussão que procure caracterizar o cotidiano das professoras em formação, apontando como seu dia-a-dia é estruturado. Buscamos contemplar e dar relevância aos aspectos de gênero nessa construção, pois ao longo da análise, tempo e gênero são conceitos que evidenciam o panorama de estruturação do cotidiano das professoras. No tópico seguinte, apresentaremos brevemente os conceitos centrais já nomeados. Em seguida, faremos um pequeno relato da estruturação da pesquisa. Adiante, apresentaremos os dados que ilustram o cotidiano das professoras em formação.

### *Tempo e gênero*

Gênero e tempo são os conceitos centrais de nossa pesquisa. O conceito de gênero está relacionado ao modo como analisamos as relações entre homens e mulheres. Segundo Heilborn, as categorias de gênero “revelam sempre uma relação de natureza assimétrica. Trata-se de um imperativo simbólico originado por constrangimentos estruturais de ordenação da cultura” (1997, p.298). Na relação com os usos do tempo, o conceito de gênero funciona como uma categoria de análise relacionada aos particularismos patriarcais presentes nas relações culturais e sociais dos seres humanos, influenciando diretamente na apropriação diferencial do tempo e do espaço.

As desigualdades de gênero se fazem presente no cotidiano das relações sociais. Sendo assim, convivemos com uma dualidade, até pouco tempo bem delimitada, em que homens desempenham algumas tarefas, a maioria delas ligadas ao espaço público e as mulheres às atividades do âmbito doméstico, ou seja, à esfera privada. Todavia, a identificação de espaços, tempos e modos de ser distintos para homens e mulheres mostra a força com que se estabelecem as dualidades. Esta dicotomia entre público e privado e a conseqüente divisão do trabalho por sexo, gera a existência de dois mundos: um de dominação (homem) e o outro de submissão (mulher).

Essa divisão - público *versus* privado - determina espaços sociais fazendo com que haja posições de sujeito ideais a serem desempenhados por homens e mulheres: o primeiro como o provedor da família, o responsável por assegurar a honra familiar, e a última como dona de casa, a pessoa responsável por cuidar dos filhos e das tarefas domésticas. Para Saffioti (1987, p. 9):

A sociedade investe muito na naturalização deste processo. Isto é, tenta fazer crer que a atribuição do espaço doméstico à mulher decorre de sua capacidade de ser mãe. De acordo com este pensamento, é natural que a mulher se dedique aos afazeres domésticos, aí compreendida a socialização dos filhos, como é natural sua capacidade de conceber e dar à luz.



A divisão do trabalho por gênero no grupo doméstico é fator importante na configuração das relações de gênero. Sendo a família, via de regra, o primeiro lugar de convivência do eu com outros, ela traduz o mundo exterior no seu cotidiano para todos que ali convivem. As relações internas não são separadas dos entendimentos construídos socialmente e, portanto, a família se organiza a partir de princípios perpassados por relações de gênero:

O todo relacional representado na família exprime-se através de uma divisão do trabalho entre os gêneros que é, a um só tempo, moral e material, constituindo o masculino como destinado a uma maior exterioridade, à associação com o que é público, dimensões consubstanciadas na esfera do trabalho. Complementarmente, ao feminino estão reservados o domínio privado, uma maior interioridade, atributos que se combinam com a idéia de uma maior proximidade das mulheres e de seu mundo com o plano natural. Assim a casa e seus desdobramentos – filhos – encarnam o universo feminino. Se o domínio da casa é feminino, significando que sua ordem e funcionamento são atributos designáveis às mulheres e, por extensão, às meninas, é aos homens que cabe provê-lo, configurando-se aí a verdadeira dimensão moral de gênero masculino. (HEILBORN, 1997, p.299).

É importante destacar princípio mais significativo do conceito de gênero, através do qual se estrutura nossa pesquisa é o das relações assimétricas que se estabelecem na convivência entre homens e mulheres, mulheres e mulheres e homens e homens. Para além das configurações do público e privado, interessa-nos perceber como o conceito de gênero se configura cotidianamente na vida das professoras em formação do curso PEAD/UFRGS.

Segundo a perspectiva de Elias, as sociedades complexas sofrem uma regulação temporal intensa, de modo que o conceito de tempo exerce uma função simbólica de auto-regulação dos sujeitos no convívio social. Tempo apresenta-se, então, como um “meio de orientação e um instrumento de regulação da conduta e da sensibilidade humana” (ELIAS, 1998, p.30).

Elias também aborda a constituição de um “caráter coercitivo” do tempo nas sociedades de alto nível de síntese, que o leva a ser mais do que um meio de orientação, tornando-se também um “instrumento de regulação da conduta e da sensibilidade humanas” (1998, p.30). Dessa forma, como apresenta o autor, o tempo passa a “encarnar” uma segunda natureza, apesar de ser, evidentemente, um construto social.

A análise do tempo discricionário possibilita, nas palavras de Souza (1972, p.66), observar a “influência padronizadora da vida urbano-industrial sobre o uso do tempo”. Portanto, observaremos em nossos dados a confluência entre tempo e as relações de gênero presentes no cotidiano das professoras em formação.

Evidenciamos, brevemente, dois conceitos centrais que orientam a análise que seguirá. No tópico seguinte, pretendemos apresentar como a pesquisa foi estruturada.

### *Delineamento metodológico*



A pesquisa foi realizada com as professoras em formação no curso PEAD/UFRGS. O curso tem 5 polos e em cada polo cerca de 70 alunos. Cada polo situa-se em uma cidade do estado do Rio Grande do Sul, sendo elas: Alvorada, Gravataí, São Leopoldo, Sapiranga e Três Cachoeiras. As duas primeiras cidades encontram-se na Região Metropolitana de Porto Alegre. São Leopoldo e Sapiranga situam-se no “Vale do Rio dos Sinos” e Três Cachoeiras faz parte da região litorânea norte do estado. Portanto, temos grupos sociais distintos participando deste curso.

Utilizamos o diário de usos do tempo e a estrutura de codificação deste diário de acordo com a “Pesquisa de Usos do Tempo de Belo Horizonte”, realizada na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e coordenada por Neuma Aguiar. O “diário pós-codificado” organiza-se com intervalos de 10 minutos para que o sujeito preencha o que realiza ao longo de seu dia. Cada sujeito preencheu dois diários: um em um dia da semana e outro no domingo, que caracteriza o fim de semana. A sistemática de preenchimento consiste em descrever todas as atividades realizadas ao longo de um dia inteiro. O instrumento apresenta quatro campos com as seguintes perguntas: “O que você está fazendo?” (atividade principal), “O que mais você está fazendo?” (atividade secundária), “Com que você está?” (contexto social) e “Onde você está?” (contexto físico). Além dessas informações o participante ainda responde a algumas perguntas de identificação pessoal (nome, cidade onde reside, e-mail para contato, sexo e data de nascimento), sobre a ocupação principal e secundária (remunerada ou não e o local de trabalho), com quantas pessoas co-habita, se tem computador em casa, se possui conexão a internet e que tipo de conexão.

Após o preenchimento, os dados são tabulados no *SPSS*<sup>3</sup>, com a codificação correspondente ao Livro de Códigos/UFMG. Adotou-se essa classificação por expressar os códigos internacionais para usos do tempo. As atividades realizadas são agrupadas em 10 categorias, sendo subdivididas internamente conforme o nível de especificidade que se deseja adotar, incorporando mais um dígito no seu código. Os dez códigos iniciais são: 0 – Cuidados pessoais; 1 – Trabalho com rendimentos; 2 – Estudo; 3 – Cuidados com o domicílio e a família; 4 – Trabalho voluntário e reuniões; 5 – Vida social e lazer; 6 – Esportes e atividades ao ar livre; 7 – Hobbies ou passatempos e jogos; 8 – Meios de comunicação de massa; e 9 – Viagem e uso não-especificado do tempo.

Das categorias apresentadas anteriormente, apresentaremos a seguir os dados de algumas delas, da forma mais geral. Para este artigo será apresentado um estudo descritivo, que contemplará apenas o dia da semana e o grupo feminino. Observaremos, nos dados a seguir alguns indícios de como o cotidiano dessas mulheres se constitui.

---

<sup>3</sup> Statistical Package for Social Science.



### *O cotidiano das professoras em formação*

O grupo participante da pesquisa contabilizou 176 sujeitos. Destes, excluímos os 6 do sexo masculino, permanecendo apenas com as mulheres que responderam ao diário de usos do tempo. Apresentaremos aqui, de forma exploratória, dados iniciais sobre o seu cotidiano. Buscaremos levantar alguns indícios e confrontar aspectos de gênero na estruturação do tempo discricionário das professoras. Por isso, a apresentação dos dados estatísticos é simples, como uma ferramenta que ilustrará as discussões a serem realizadas neste tópico. Inicialmente, apresentaremos algumas tabelas que informam características gerais do grupo pesquisado. Em seguida, exploraremos a distribuição do tempo médio de realização das atividades.

A Tabela 1 apresenta a auto-classificação das professoras em relação à cor.

Tabela 1 – Auto-classificação dos sujeitos segundo a cor

Cor	Frequência	%
Branca	158	92,9
Preta	3	1,8
Mulata/parda	4	2,4
Amarela	1	,6
Sem declaração	4	2,4
Total	(170)	(100,0)

Observamos que a maioria das professoras declarou-se como de cor “branca”. É importante destacar que esta classificação é pessoal, de acordo com a definição do próprio sujeito, sem intervenção do pesquisador.

Seguindo as características gerais do grupo pesquisado, a Tabela 2 apresenta a distribuição das respondentes por polo do curso.

Tabela 2 – Distribuição dos sujeitos por polo

Pólo	Frequência	%
Alvorada	24	14,1
Gravataí	25	14,7
São Leopoldo	35	20,6
Sapiranga	35	20,6
Três Cachoeiras	51	30,0
Total	(170)	(100,0)

Dentre as respondentes, a maioria pertence ao polo de Três Cachoeiras. Mas observou-se também uma distribuição com representatividade de todos os polos no grupo analisado. Interessou-nos também observar como se configuram os grupos domésticos a que pertencem as professoras em formação. Na Tabela 3, apresentamos o número de pessoas que co-habitam com as professoras.



Tabela 3 – Número de pessoas que co-habitam com o sujeito

	Frequência	%
0	2	1,2
1	39	22,9
2	40	23,5
3	32	18,8
4	11	6,5
6	2	1,2
Sem informação	44	25,9
Total	(170)	(100,0)

De acordo com a tabela acima, observamos que a maior parte das professoras em formação co-habita com uma ou duas pessoas. Em geral, são casadas e possuem filhos (um ou dois). porém, há outros arranjos familiares no grupo: mãe e filho; mãe, avó e filhos; mulheres solteiras que moram com pais. Há poucos grupos domésticos extensos, o que caracteriza as famílias contemporâneas: apenas 13 sujeitos co-habitam com mais de 4 pessoas. Portanto, a diversidade de estrutura dos grupos domésticos e o número reduzido de participantes são características das famílias das professoras em formação.

Por tratar-se de um curso a distância desenvolvido em ambientes virtuais, o acesso à computador é fundamental. Interessou-nos questionar, como mostra a Tabela 4, se as professoras em formação possuem computador em casa.

Tabela 4 – Possui computador em casa?

	Frequência	%
Sim	163	95,9
Não	7	4,1
Total	(170)	(100,0)

Felizmente a maioria das respondentes possui computador em casa. Isso facilita a realização dos estudos e diminui a necessidade de deslocamento ao polo do curso. Como perceberemos adiante, a maioria das professoras trabalha e tem outras obrigações ao longo do dia, o que permite que, possuindo computador em casa, as atividades de estudo possam ser realizadas em diferentes momentos do seu tempo livre.

Outra questão importante apresentada no diário pós-codificado diz respeito à classificação do dia pelo sujeito. A Tabela 5 apresenta esta classificação.

Tabela 5 – Como classifica o dia de preenchimento do diário

	Frequência	%
Este dia foi parecido com os outros	129	75,9
Este dia foi diferente, incomum em relação aos outros	36	21,1



Sem informação	5	3,0
Total	(170)	(100,0)

Para a maioria das respondentes o dia relatado no diário é um dia comum, “parecido com os outros”. Isso significa que o diário representa um dia típico de sua vida, de modo geral. Daí podemos inferir que, os dados que seguem, a respeito dos “tempos” das professoras em formação sugerem as rotinas diárias destas mulheres.

Um questionamento feito ao longo da pesquisa, e que suscitou o interesse em conhecer os usos do tempo das professoras em formação no curso PEAD/UFRGS foi compreender como elas organizam na sua rotina o tempo para estudar. Se o curso a distância demanda autonomia em relação ao gerenciamento do tempo para a realização das tarefas, e estamos falando de mulheres que trabalham, compartilham de uma família, como inclue-se o tempo de estudo nesse cotidiano? Há restrição do tempo de atividades de cuidados pessoais? Ou de atividades de lazer? Ou, então, o tempo de cuidados com a casa e o grupo doméstico é compartilhado com o parceiro? São inferências que buscaremos a seguir.

A Tabela 6 apresenta o tempo de cuidados pessoais<sup>4</sup>.

Tabela 6 – Tempo de cuidados pessoais

Média <sup>5</sup>	538,12
Mediana <sup>6</sup>	540,00
Moda <sup>7</sup>	510
Missing	0
Total	(170)

O tempo médio de cuidados pessoais – que inclui o tempo de sono, higiene pessoal e descanso para as professoras em formação é de cerca de 9 horas diárias. Podemos perceber que há o desempenho das tarefas de necessidades básicas no dia-a-dia das mulheres.

Na Tabela 7, apresentaremos o tempo de trabalho remunerado.

Tabela 7 – Tempo de trabalho remunerado

Média	538,12
Mediana	540,00
Moda	510

<sup>4</sup> As tabelas registram as médias de tempo em minutos.

<sup>5</sup> Conforme Triola (2008, p.63), a “média aritmética de um conjunto de valores é a medida de centro encontrada pela adição dos valores e divisão do total dos valores existentes.”

<sup>6</sup> Segundo Triola (2008, p.64) “a mediana de um conjunto de dados é a medida de centro que é o valor do meio quando os dados originais estão arranjados em ordem crescente (ou decrescente) de magnitude.”

<sup>7</sup> Segundo Triola (2008, p.65), “a moda de um conjunto de dados é o valor que ocorre mais frequentemente”.



Missing	0
Total	(170)

Incluimos no tempo de trabalho remunerado, além do tempo de permanência na instituição de trabalho, o tempo de trabalho realizado em casa. Isso porque a realidade das professoras da Educação Básica é que as atividades de planejamento e elaboração das aulas toma um tempo extra, além daquele pela qual são contratadas. Portanto, a média de tempo de trabalho remunerado diário é de cerca de 9 horas. Isso nos permite inferir que, conhecendo a jornada de trabalho dos professores, muitas realizam trabalho profissional em suas casas.

A Tabela 8 apresenta o tempo de estudos.

Tabela 8 – Tempo de estudo

Média	155,39
Mediana	150,00
Moda	100
Missing	29
Total	(170)

Dentre as professoras que estudam ao longo da semana (pois 29 não registram atividades desse tipo em seu diário da semana), a média de tempo é de cerca de 2:30h. Além de pouco tempo, este geralmente é ocupado no fim do dia, após a realização de todas as outras obrigações. Observaremos na Tabela 9 como é configurado o tempo de trabalho doméstico.

Tabela 9 – Tempo de cuidados com a casa e o grupo doméstico

Média	169,25
Mediana	140,00
Moda	120
Missing	10
Total	(170)

Comparando à tabela anterior, a média de tempo destinado aos cuidados com a casa e o grupo doméstico é maior que a do tempo de estudo. Além disso, diminui também o número de mulheres que não realiza trabalho doméstico. Em geral, são as mulheres solteiras que mora com os pais, ou as que possuem outra pessoa (também mulher) para a realização das tarefas da casa: mãe, filha.

Buscamos também evidências a respeito do tempo de lazer das professoras em formação, conforma a Tabela 10.

Tabela 10 – Tempo de lazer

Vida social e lazer	Hobbies e passatempos
---------------------	-----------------------





Média	85,09	36,85
Mediana	60,00	25,00
Moda	30	10
Missing	54	116
Total	(170)	(170)

Esta tabela agrupa duas categorias de acordo com a classificação apresentada nos aspectos metodológicos. A evidência mais significativa é que as professoras em formação contam, ao longo de seu dia, com pouco tempo para desfrutar de atividades de lazer. E também é significativo o número de mulheres que não tem nenhum tempo destinado a essas atividades.

Por fim, apresentaremos as médias de tempo de deslocamento.

Tabela 11 – Tempo de viagens

Média	97,93
Mediana	90,00
Moda	90
Missing	8
Total	(170)

Ao longo do dia, as professoras em formação gastam, em média, cerca de 1:30h em deslocamentos. Muitas trabalham em municípios diferentes do que residem, deslocam-se levando os filhos para a escola, trabalham em mais de uma escola. Em geral, utilizam transporte público para esse deslocamento.

#### *Ainda que breves, algumas considerações*

Buscamos traçar aqui um desenho da rotina de professoras que buscaram a formação em nível de graduação fazendo parte de uma política pública federal. A ideia de demonstrar como, na prática, se efetiva essa rotina, aponta que as relações de gênero se configuram como essenciais para compreender as muitas demandas à qual as mulheres são encarregadas ao longo do dia.

Isso significa dizer que, para além da complexidade do cotidiano de uma mulher, buscar espaço para a formação e, especificamente a formação na modalidade a distância, é um desafio a quem se dedica a isso. Fica evidente, ao analisarmos a rotina das professoras em formação que, mais uma vez, nas palavras de Oliveira (2003), o privado é “ocultado” pelas mulheres. As atribuições da casa, do cuidado com a família são prioridade concreta no seu dia-a-dia, mais que o próprio estudo, conforme demonstrou-se aqui.



Resta assinalar a importância de políticas públicas que conheçam e reconheçam essa realidade, e busquem afirmar para as mulheres espaços de formação privilegiados, que as permitam participar sem tornar-se “devedoras” à vida privada e, assim, redefinindo os papéis incorporados na vida privada.

### *Bibliografia*

ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

HEILBORN, Maria Luisa. O traçado da vida: gênero e idade em dois bairros populares do Rio de Janeiro. In: MADEIRA, Felícia R. (org.). *Quem mandou nascer mulher?* Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. *Reengenharia do Tempo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

SAFFIOTI, Heleieth I.B. *O Poder do Macho*. São Paulo: Moderna, 1987.

SOUZA, Amaury. O uso do tempo como medida da qualidade de vida urbana. In: *Revista de Administração Pública*. Rio de Janeiro, jan./mar. 1972, vol. 6(1), 51-75.

TRIOLA, Mario. *Introdução à Estatística*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.